

A CIDADE, O ARROIO, O LAGO E ALGUNS APAGAMENTOS: A OBSERVAÇÃO COMO PROCESSO ARTÍSTICO E ESPAÇO CRÍTICO

Maria Ivone Dos Santos

Univ. Fed. Rio Grande do Sul (UFRGS Brasil) Instituto de Artes

Abstrato

A cidade de Porto Alegre teve seu núcleo de origem nas proximidades do Arroio Dilúvio que deságua no Lago Guaíba. Tanto o traçado do arroio quanto os limites da cidade foram sendo alterados por sucessivos e demorados projetos urbanísticos e de saneamento. Os aterros criaram um território expressivo que avançou sobre o lago, sendo este objeto de rateio entre as esferas públicas – municipal, estadual e federal. O processo de ampliação dos limites da cidade gerou apagamentos que, quando observados, revelam os interesses econômicos que existem por trás dessas operações. A escolha de Porto Alegre para sediar alguns jogos durante a Copa do Mundo de 2014 foi pretexto para realização de grandes obras públicas. Decide-se pela ampliação de vias de circulação de automóveis nos acessos ao estádio, operações que implicaram na retirada da população de baixa renda do entorno bem como a retirada de árvores integradas à paisagem. Iremos nos centrar na prática da observação – vivenciada enquanto prática artística em contexto urbano –, buscando apontar certos apagamentos e alterações ocorridas recentemente nesse lado da cidade. Assim, situamos o ponto de partida da presente investigação na desembocadura do Arroio Dilúvio e de seu entorno, onde se construiu recentemente uma nova ponte. Utilizaremos as metodologias do projeto *Fração Localizada: Dilúvio* (iniciado em 2003), baseadas em incursões sensíveis, caminhadas, observações, descrições, narrativas e no estabelecimento de um banco de dados, de forma a possibilitar o desenvolvimento de propostas artísticas que problematizem os aspectos de apagamento e alterações nesse contexto.

Palavras chave: FRAÇÃO LOCALIZADA: DILÚVIO, APAGAMENTO, OBSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO/EXPOSIÇÃO, ESPAÇO CRÍTICO

Abstract

The city of Porto Alegre had its origin in the vicinity of the Dilúvio, a stream that empties into the Guaíba Lake. Both the course of the stream and city limits have been changed by slow-moving and successive urban development projects. The landfills have created a vast land mass that has crept over the lake, which has become a subject of assessment by public administration at local, state and federal levels. The process of expanding city limits has generated erasure and obliteration that, if observed, reveals the economic interests behind these operations. The choice of Porto Alegre as a host city for some of the 2014 World Cup games was used as a pretext for building large-scale public works. It was decided that car lanes would be widened facilitating access to the stadium, which led to the removal of low-income residents from the surrounding area, as well as the removal of trees that were part of an integrated landscape. This study will focus on the action of observing – experienced as an artistic practice within an urban context – aiming to identify recent erasures (what has been deleted or obliterated) and changes occurring recently on this side of the town. Thus, we place the starting point of the current investigation at the mouth and surrounding areas of the Dilúvio Stream, where a new bridge has just been built. We will use the methodology of the project *Fração Localizada: Dilúvio* (initiated in 2003), based on poetic incursions, walks, observations, descriptions, narratives and the setting up of a database that could enable the development of artistic propositions questioning aspects of erasure and changes taking place in this context.

Keywords: FRAÇÃO LOCALIZADA: DILÚVIO, ERASURE, OBSERVATION,
EXPOSITION / EXHIBITION, CRITICAL SPACE

Dos Santos, Maria Ivone. 2014. A cidade, o arroio, o lago e alguns apagamentos: a observação como processo artístico e espaço crítico. *AusArt Journal for Research in Art 2* (1) (June): 90-101.

O presente texto desdobra assuntos detectados ao longo da pesquisa *As extensões da Memória: a experiência artística e outros espaços*, articulando-os com as atividades promovidas pelo projeto *Formas de Pensar a Escultura - Perdidos no Espaço*, extensão universitária realizada desde 2002¹. Os conteúdos abordados partem do reconhecimento espacial dos contextos visitados e do cruzamento com informações, dados e contribuições advindas de outras áreas. A pesquisa teórica e documental integra meu processo artístico, desenvolvido em diferentes linguagens e meios, passando a arte a ser uma das instâncias de confrontação com os ambientes urbanos e ambientais.

A CIDADE NO TEMPO

Importantes obras realizadas em Porto Alegre no século dezenove e ao longo do século vinte, continuadas nesse início do século vinte e um, alteraram a morfologia da cidade num embate com as suas características naturais de planície fluvial. O processo de urbanização busca conter o avanço das águas. Os aterros da orla e a canalização do Arroio Dilúvio se destacam como grandes intervenções que redesenam o sítio urbano de Porto Alegre, escondendo aspectos de sua paisagem, presentes nas origens da cidade.

Ao longo de sua história a cidade tornou-se cosmopolita e passou a abrigar novas atividades econômicas, e a ter importante atividade portuária para dar vazão às necessidades da economia florescente. Sucessivos aterros foram realizados buscando ampliar sua área central da cidade que avançou sobre as águas do Guaíba. Os imigrantes europeus imprimiriam novas feições e usos ao seu espaço urbano. As casas açorianas e seus singelos jardins cederam passagem à ampliação das elegantes avenidas. Nas áreas centrais, as casas e sobrados foram sendo paulatinamente substituídas por modernos edifícios. Estes, sempre mais altos, acabaram por encobrir a vista das “colinas verdejantes”, que bordejavam a cidade de Porto Alegre, evocada pelos viajantes do século XIX:

*“A cidade está num sítio risonho, encostado às colinas; suas construções são em tijolo ou pedra de talha (...) numerosos vapores e veleiros que fazem cabotagem em toda a costa do Brasil, e os pequenos veleiros que fazem navegação de longo curso, chegam com nove pés de calado até Porto Alegre pela Lagoa dos Patos”.*²

As linhas retas dos planos higienistas buscaram dirigir o curso das águas do Arroio Dilúvio que antes descia serpenteando e ocupando as falhas naturais do terreno, inundando em tempos de grandes chuvas as terras baixas da cidade. Com a mudança do traçado, o leito aterrado se integraria à terra firme. Pontes seriam retiradas da paisagem de Porto Alegre e essas mudanças produziram apagamentos e lapsos, que alguns moradores ainda hoje relatam como sendo feridas no seu imaginário.

A rua da Margem pode ser citada como um dos exemplos desse processo de apagamento. Vemos que a substituição dos nomes dos logradouros, antes intimamente relacionados com características do lugar, altera a própria memória do mesmo. Relatos de outras épocas revelam zonas fantasmas, as vistas e as camadas recobertas pelas transformações.

“Como diz o nome, é a que acompanhava a margem do RIACHO pelo lado leste. Iniciava nas imediações da PONTE DE PEDRAS e alcançava a “Ilhota” (curva quase fechada do Riacho, nas imediações da Praça Garibaldi). Essa rua era a continuação da RUA DA PRAINHA (atual Washington Luiz), na PRAIA DO RIACHO. Nessa rua em 1850, foi construído o SOLAR LOPO GONÇALVES, hoje sede do MUSEU DE PORTO ALEGRE. Ela hoje tem o nome de JOÃO ALFREDO”.

(OLIVEIRA 1993, 97)

Aonde antes havia uma encosta de morro, abriu-se a passagem para um imponente viaduto. Na parte alta, a Avenida Duque de Caxias cruza o centro da cidade, ligando-o com a Avenida Independência. Cortando essa via, na parte escavada, cria-se espaços para o fluxo da avenida Borges de Medeiros, ligando a cidade à zona sul.



Construção do Viaduto Otávio Rocha em Porto Alegre, imaginado em 1914, iniciado em 1926 e entregue ao público em 1934.

Entre desvios, canalizações e aberturas de novas vias em áreas aterradas, os limites da cidade expandiram-se em direção ao lago, gerando sucessivos apagamentos na paisagem. Sabemos que a área central da cidade tinha, na sua origem, um terço do tamanho atual. Os aterros iniciados em 1888, foram incrementados a partir de 1916, quando se implantou o Porto Mauá. Prosseguiram em 1927, 1954, 1956, 1973 e 1978, quando se consolida a importante alteração do território, onde hoje se assentam inúmeras atividades comerciais, administrativas e áreas de lazer. As enchentes assolavam desde sempre as terras baixas. A maior delas, a de 1941, inundou o centro de Porto Alegre, cobrindo o porto, o bairro Navegantes e a praça da Alfândega, chegando até a Rua da praia. Essa calamidade impulsionou as obras de canalização e desvio do leito do Arroio Dilúvio. Para conter as águas foi construído um dique protetor junto ao

rio Gravataí e o lago Guaíba, assim como barragens nos rios Jacuí e Taquari (Oliveira, 1993, 246).

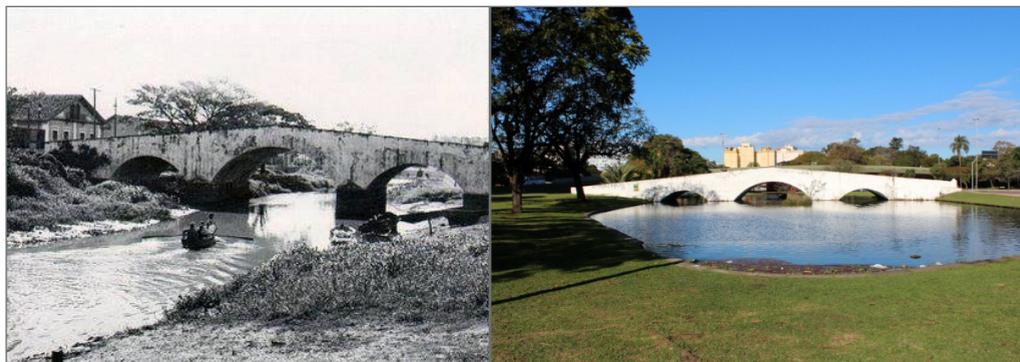
O leito antigo do Dilúvio torna-se “terra firme” ao ser desviado, e o mesmo ocorre com a grande enseada, que antes se avistava nas proximidades da Ponte de Pedra,



Na ordem: Enseada da Ponta do Gasômetro, na década de 1940. Aterro em frente a Av. Praia de Belas no final da década de 1950. Atual Parque Marinha do Brasil em 1975. Parque Marinha do Brasil em 2010, antes das reformas do estádio Beira-Rio e de seu entorno para a Copa do Mundo. Entorno do Estádio do Beira-Rio em 2014.

igualmente aterrada entre 1956 e 1978. Com o aterro, o nível do entorno do riacho foi elevado, escondendo parte dos arcos romanos da base da antiga ponte. Por pouco um novo apagamento não é gerado, pois os planos iniciais do poder público previam a demolição da ponte e completo aterramento daquela área. Em virtude de forte comoção popular, a ponte de pedra foi mantida, sendo inserida em um novo arranjo urbanístico, como praça pública. Tombada em 1978 como patrimônio do Município a ponte é um marco na paisagem da cidade.

Se os argumentos para o desvio do Arroio Dilúvio se embasaram na necessidade de sanear e deter o avanço das águas em áreas seguidamente inundáveis, hoje sabemos que o aterro do leito do riacho, assim como os sucessivos aterros da orla acenderam o interesse de incorporadores imobiliários, atentos às melhorias daqueles terrenos próximos ao centro. A população de baixa renda que morava em áreas antes insalubres, da ilha e nas imediações da Ponte foi deslocada para um novo bairro. A Restinga,



Ponte de Pedra sobre o riachinho, em 1915, ainda com seu leito original.

Ponte de Pedra no Largo dos Açorianos, em 2013. **Créditos:** Hélio Ferverza, maio de 2013.

distante 20 km do centro, foi criada com a promessa dar mais qualidade de vida aos habitantes da área central, sempre sujeitos às inundações. Mas é sabido que o novo bairro, nas margens da cidade, os deixaria isolados, sem infra-estrutura próxima, e dependentes de transporte para acessar o centro da cidade.

Esse retrospecto apresenta de forma breve a transitoriedade da ocupação e transformação do território onde se assentou Porto Alegre. As forças modeladoras de nossa paisagem seguem agindo, sendo imperativa uma narrativa que problematize a cidade de hoje, nos auxiliando a imaginar o seu futuro.

A CIDADE E OS EVENTOS

Ao relatar estes fatos da história urbana de Porto Alegre, constatamos que eles estão centrados na relação sempre conflituosa da cidade com suas águas. Tomando o Arroio Dilúvio e o Guaíba como pano de fundo de dramas, com diversos desdobramentos na produção do espaço urbano, criamos o cenário para apresentar a existência de forças de ação subjacentes que agem sobre a paisagem, não menos poderosas e impactantes. Nos referimos a relação que a cidade tece com as forças produtoras do seu espaço (Lefebvre 2008, 55), ou seja, as esferas governamentais, os interesses privados e os eventos que ela passa a abrigar e que ocuparão as áreas centrais da cidade e as bordas do lago.

Nos deteremos a seguir em alguns grandes eventos que se sucederam em Porto Alegre desde o final do século 20, a Bienal do Mercosul (1996)- e as três edições do Fórum Social Mundial (2001, 2003 e 2005) e, mais recentemente, a escolha da cidade como uma das cidades sede da Copa do Mundo de Futebol (2014). Cada um desses eventos se inserem na rotina da cidade, ficando um período delimitado, tomando para si certas áreas da cidade, nas quais lhes foi franqueado o acesso. Os mesmos impactam os imaginários da cidade de diferentes formas, como iremos ver, e deixam à cidade alguns pontos críticos por refletir.

Nos anos 90, surgia em Porto Alegre a Bienal do Mercosul (Bienal de Porto Alegre), um grande evento de arte fruto do “desejo de lideranças artísticas, intelectuais e empresariais”, como um marco simbólico da aliança econômica dos países do Cone Sul. Patrocinada por um *pool* de empresas, desde sua primeira edição a Bienal contribuiu com a descentralização da arte no Brasil, antes concentrada em São Paulo e Rio de Janeiro. O evento se mostrou igualmente hábil ao articular delicadas negociações com os distintos órgãos gestores da cidade. Coube às Bienais o mérito de apontar o potencial da cidade, as belas paisagens do Guaíba, destacando igualmente seu patrimônio edificado, elaborando alianças com as instituições, museus, universidade e escolas. Pela via da arte, uma multidão de visitantes pôde se aproximar da arte e da cidade, iniciando um namoro, continuado a cada edição do evento na cidade, que a exemplo da

Feira do Livro, uma verdadeira instituição em Porto Alegre, dava à população o direito de circular e viver os espaços públicos. A abertura da área dos armazéns do Porto, ao longo do Guaíba, consolidou uma relação mais amorosa das pessoas com as ilhas do delta. Desde 1941 o rio encontrava-se separado da cidade pelos altos muros de contenção construídos para prevenir o avanço das enchentes. Esses espaços puderam ser visitados durante o evento.

As diversas edições que se sucederam mostraram a vocação da Bienal para estabelecer um vínculo entre a arte e a cidade. Desde a primeira edição o evento iria se expandir pela orla, ocupando o Parque Marinha do Brasil e outras áreas da cidade. Enquanto durava a Bienal, a produção constituída assumia o funcionamento e a segurança dos armazéns, museus, edifícios e áreas públicas que ocupava, trazendo mais conforto e tranquilidade para o visitante, assim como garantindo a segurança das obras. Passado o evento, a cidade voltava ao seu funcionamento normal, com suas zonas de invisibilidade.

Hélio Ferverza, artista convidado para a segunda Bienal, realizou uma instalação que incorporava objetos encontrados na antiga oficina de recuperação de barcos, elaborando e ali rerepresentando os vestígios de uma memória das funções desempenhadas no DEPREC. Intitulado “A função do amanhã (as direções incandescentes”, foi de certo modo, uma obra premonitória das direções que tomariam literalmente aquele armazém, consumido por um incêndio, poucos meses após findada a Bienal. Ele apontaria de forma lúcida as contradições entre a visibilidade do evento e a invisibilidade do lugar em seu livro *O+ é Deserto*:

“(...) Após o término da Bienal do Mercosul, a visibilidade do lugar foi inversamente proporcional à visibilidade do período que durou a exposição. Passagem do visível para o invisível. O tempo passou e discutiram-se novas funções para prédios, a prefeitura propôs uma marina, um minishoping, um restaurante. As antigas oficinas o Deprec parecem ter despertado e mobilizado diferentes interesses políticos e econômicos. Então, um abaixo assinado viu o dia: muitos artistas, intelectuais, educadores e produtores culturais não estavam de acordo, o prédios poderiam impulsionar outras experiências artísticas. Outros ares a impulsionar outras velas. O tempo passou de novo, passaram nuvens e de repente os prédios tornaram-se invisíveis. O lugar literalmente desapareceu, consumido por um incêndio no verão de 2001. Passagem do positivo ao negativo calcinado, aberto pelo calor-luz ofuscante das chamas. O que ocorreu? Como ocorreu? Porque ocorreu? Muitas perguntas surgiram em meio ao descaso, e um silêncio visível e constrangedor abandonou os fatos, lugares e objetos. O que equivale a dizer isto nos abandonou também. O mais é deserto”.

(Ferverza 2003, 38).

As autarquias responsáveis pela gestão urbana de Porto Alegre sofrem com a falta de autonomia de seus técnicos, o que por vezes compromete a gestão das áreas. Nas

distintas esferas de poder as secretarias são ocupados por dirigentes nomeados por indicação política. Esta situação aliada a um orçamento público insuficiente impulsiona a realização de muitos serviços básicos através de parcerias público/privadas.

Na quinta edição, para citar um exemplo, a Bienal negociou com a Secretaria do Meio Ambiente a construção de obras de arte públicas permanentes, sediadas em diferentes recantos do Parque Marinha do Brasil. Quatro projetos concebidos para o espaço público foram comissionados e pagos por patrocinadores. Os artistas Waltércio Caldas, Mauro Fuke, Carmela Gross e José Resende receberam carta branca para proferirem obras integradas à orla, como mobiliário urbano. José Resende realizou uma escultura *site-specific*, na margem do Lago Guaíba, nas imediações do Centro Cultural Gasômetro, patrocinada pelas Lojas Renner. O artista construiu uma plataforma em aço que se projetava de forma ascendente em direção ao lago. Dali se tinha uma perspectiva inédita da paisagem, que segundo ele “permitiria ao público ver a cidade com novos olhos”. Passado o evento, esta e as demais obras legadas desde a primeira Bienal não tiveram a devida manutenção e cuidado, sendo alvo de depredações. O mirador de José Resende foi interditado ao público. A prefeitura, em 2012, anunciou um novo projeto de remodelação da orla, no qual não incluía a manutenção daquela obra, anunciando que a mesma seria desmontada sob alegação de falta de segurança, o que causou repercussão e manifestação pública da comunidade artística da cidade, do Brasil e do exterior.

Na edição de 2012, A Bienal não pôde mais ocupar o cais, mas seguiu expandindo seu interesse por uma relação mais ampla com o Estado do RGS (não mais apenas com a cidade Porto Alegre). Optou por um viés menos material mas apostou em formas, forças e agentes menos visíveis mas igualmente impactantes. Em *Se o clima for favorável*, a curadora geral Sofía Hernández Chong Cuy dizia querer criar “um ambiente para defrontar-se com recursos naturais sob uma nova luz, e especular sobre as bases que marcaram distinções entre descoberta e invenção, assim como os valores de sustentabilidade e entropia³.” Ou seja, a Bienal buscava compor com as forças produtivas do capital aliadas à arte, investindo em projetos artísticos desenvolvidos com indústrias da região. Estabeleceu igualmente pontes com diversos agentes da sociedade, sendo curioso que nesta edição os nomes de todos os que participaram direta ou indiretamente das discussões e encontros constam, ao lado dos nomes dos artistas, no site da Bienal.

A modelização da arte pela economia merece ser melhor estudada, sobretudo no que concerne à crescente dependência dos governos para com a iniciativa privada, que passa a governar de forma indireta. O primeiro impacto que se observa é o da ingerência, seguida pelo desmonte de estruturas funcionais, citando o caso das secretarias do Meio ambiente e da Cultura. Ambas prendem-se num jogo de responsabilização mútua, ocasionando a falta de correta manutenção das obras e de seu entorno, produzindo um desequilíbrio na gestão do bem público. Observamos uma crescente transferência do cuidado e da manutenção dos parques e praças para a iniciativa privada. Vejamos

o exemplo do parque Marinha do Brasil, em Porto Alegre, que vem sendo mantido pela “Pepsi”, que em contrapartida recebe o direito de ali disseminar sua marca.

Vimos aumentar de forma exponencial, na via deixada pela experiência positiva dos eventos efêmeros acima citados, um interesse mais agressivo pela exploração mercantil dos espaços públicos. No imaginário de Porto Alegre o cais da Mauá é hoje associado à experiência da Bienal do Mercosul, que assim como a Feira do Livro, ocupou-o em diversas edições. Desde 2012, o cais não mais foi disponibilizado sob o argumento que o mesmo já havia sido cedido para a iniciativa privada que passava a administrar aqueles locais.. No entanto, mais recentemente o mesmo espaço foi utilizado para ser o local de atividades paralelas da Copa do Mundo, promovidas pelo governo estadual.

Num artigo intitulado “A borda do rio em Porto Alegre, Andrea Soler discute os sucessivos projetos de revitalização do Cais Mauá e discorre sobre duas iniciativas anteriores, de 1994 e 1996, nas quais já se buscavam alternativas para uma melhor relação da cidade com o Guaíba (Soler 2004, 74). Lembremos que os armazéns foram construídos sobre área aterrada, e portanto pública. No processo de reestruturação do porto que durou alguns anos, o cais da Mauá, ficou em uma estado de indefinição quanto ao seu futuro. A Bienal ocupava-o a cada dois anos desde 1996, mas desde o dia 23 de novembro de 2011 encontra-se na posse da iniciativa privada, cabendo ao consórcio ganhador entregar a área ao público em 2016.

A recuperação do cais e do acesso à orla, prometida pelo projeto vencedor do consórcio, foi amplamente questionada por moradores, profissionais e usuários. O poder público ignorou o debate e investiu fortemente na Idea de cessão daquele espaço, investindo num discurso que ofuscava o “fantasma dos alagamentos” que rondam a cidade. O consórcio apresentou um projeto ufanista, sustentado por uma potente representação gráfica que prometia uma orla limpa e aberta ao lago, onde se encontrariam diversas ofertas de consumo, shoppings, restaurantes, hotéis e áreas de lazer. O público reticente se posicionou desfavoravelmente à mais uma cessão de espaço público para a iniciativa privada e algumas vozes levantaram-se para lembrar que o Lago Guaíba ainda segue suscetível às cheias. Persiste, ainda, a sensação de desconforto ao ver que o projeto de revitalização do Cais Mauá dá ao consórcio ganhador o direito de exploração da orla por 25 anos e autoriza ali a construção de três grandes torres comerciais.

Na contracorrente estão os que defendem uma cidade gerida por um posicionamento participativo, crítico e atento as necessidades dos cidadãos. Lembremos que, em 2001, 2003 e 2005 recebeu o Fórum Social Mundial. Esse evento tornou Porto Alegre cidade-símbolo das discussões sobre as alternativas ao capitalismo, sendo noticiado e gerando repercussões em todo o mundo. O Cais Mauá e alguns edifícios da área central como o Museu, o Memorial do Rio Grande do Sul e o Santander Cultural, assim como o Parque Marinha do Brasil abrigaram as discussões de participantes do Fórum, vindos de todas as partes do planeta. Porto Alegre tornou-se a cidade de pensadores, manifestantes e ativistas. O centro da discussão foram os impactos do capital e da

globalização, os danos meio ambiente e os danos ao meio ambiente e aos direitos humanos. Muitos desses assuntos são hoje de grande atualidade.



Duplicação da Av. Edvaldo Pereira Paiva: projeto, retirada de árvores, vista da via.
Créditos: Guilherme Justino [Http://noticias.terra.com.br](http://noticias.terra.com.br).

Mais recentemente, a escolha de Porto Alegre como uma das cidades-sede da Copa do Mundo de Futebol alvoroçou ainda mais os ânimos modeladores dos gestores públicos que aproveitaram a ocasião para promover grandes canteiros de obras na cidade. A cidade teve sua mobilidade alterada por 11 canteiros de obras abertos simultaneamente, justificados pela adequação da cidade às exigências do padrão FIFA.

A duplicação da avenida Edvaldo Pereira Paiva, via de acesso para a zona sul da cidade, causou comoção e contrariedade nos Porto Alegrenses, com o seu corpo técnico de arquitetos e urbanistas e demais profissionais da cidade demonstrando os aspectos negativos de tal intervenção. Para a realização desta obra foi necessária a supressão de 115 frondosas árvores. Apesar das inúmeras manifestações contrárias, a obra foi autorizada judicialmente, por pressão do poder municipal. Na esteira dos grandes eventos efêmeros, a relação dos cidadãos com os processos decisórios da cidade foi alterada, de forma unilateral pela prefeitura e outros poderes, havendo uma redução da escuta pública.

Os jornais e algumas publicações mais pontuais, nacionais e internacionais, noticiaram as discussões e protestos que antecederam a Copa do Mundo em todo o Brasil. A ampla discussão nas redes sociais foi permeada pela tensão entre os campos antagônicos. Ao não acolher a pauta da



Maria Ivone dos Santos, *A ponte de Pedra*, (2013).
Videoinstalação, Sala Fahrion, UFRGS, Porto Alegre, Brasil.

copa, alguns grupos defendiam o atendimento de necessidades básicas mais urgentes para o país, tais como mobilidade urbana, educação e saúde (Russau 214, 55-61). As redes sociais são espaços onde se exprimem “vetores de todas as ordens”, no modelo de uma cidade grande. A medida em que os conflitos se aprofundaram, essas plataformas passaram da sua condição de fórum de livre expressão para a de zona vigiada pelos aparatos de controle policial e de segurança montados para o evento. Em Porto Alegre, a exemplo do que ocorreu em outras cidades do Brasil, o aparato policial foi empregado de forma ostensiva e inibidora, perseguindo com violência os posicionamentos contrários à Copa e defendendo o patrimônio dos patrocinadores oficiais, visados em manifestações de rua. Uma continuidade do exercício crítico que hora empreendemos se desdobra num trabalho artístico, em processo, que elabora possibilidades narrativas a partir do material veiculado sobre o evento nas mídias de comunicação impressa, que integram o arquivo dessa pesquisa.

O que foi sonhado? O que foi construído, o que resiste ao tempo? Eventos atravessam Porto Alegre, estacionam um tempo, cumprem suas agendas e partem deixando vestígios na cidade. Produzem visibilidades e apagamentos alterando a cidade e seu imaginário, bem como as dinâmicas de sua paisagem. Suscetível à ocupação intensiva, suas bordas artificialmente ampliadas seguem sujeitas às transformações, sobreposições e acidentes decorrentes do jogo de forças entre seus agentes econômicos e sociais.

*A pesquisa, em sua fase atual, é desenvolvida no âmbito do Projeto de Internacionalização da Pós-graduação no Rio Grande do Sul, tendo sido contemplada pelo Edital CAPES/FAPERGS 12/2013.

Referências

- Alves, José Francisco. 2006. *Transformações do Espaço Público*. Fundação Bienal do Mercosul, Porto Alegre.
- Dilguer, Gerhard. 2014. Resistências no país do Futebol: A copa em contexto. São Paulo, Fundação Rosa Luxemburgo
- Fervenza, Hélio. 2003. *O + é deserto*. São Paulo, Escrituras Editora.
- Franco, Sérgio da Costa. 2006. *Porto Alegre : guia histórico*. Porto Alegre. Ed. da UFRGS.
- Hissa, Carlos Eduardo Viana. 2006: *A mobilidade das fronteiras*. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- Lefebvre, Henri. 2008. *Espaço e Política*. Belo Horizonte, Editora da UFMG.
- Maricato, Ermínia et al. 2013. *Cidades rebeldes, passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo, Boitempo : Carta maior.
- Menegat, Rualdo et al. 1998. *Atlas Ambiental de Porto Alegre*. Porto Alegre. Editora da UFRGS.
- Noal Filho, V. A. e Sergio da Costa Franco. 2004. *Os viajantes olham Porto Alegre*. Santa Maria, Anatterra.
- Oliveira, Clóvis Silveira de. 1993. *Porto Alegre: a cidade e sua formação*. Porto Alegre. Ed. Metrópole.
- Santos, Maria Ivone dos. 2008. *A observação de um lugar urbano como ação da arte*. IV Colóquio Poéticas do Urbano. Florianópolis : Bernúcia.
- Soler, Andrea. 2006. "O lugar do novo em Porto Alegre". *Revista Arquitexto* 8. PROPAR.

Sites Consultados

- As extensões da memória: a experiência artística e outros espaços <http://www.ufrgs.br/extensoesdamemoria/>
- Formas de Pensar a escultura - Perdidos no espaço <http://www.ufrgs.br/escultura>
- Grupo de Pesquisa Veículos da Arte CNPq http://www.ufrgs.br/veiculosdaarte/site/?page_id=2
- Imagens da remodelação do Beira Rio <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/galeria/03172014portoalegrebeirario> Acesso em 15 de abril de 2014.
- Memórias dos Aterros <http://caismaua-memorias.blogspot.com.br/> Acesso 15 de maio de 2014
- Portal Transparência na copa <http://www.transparencianacopa.com.br/obras> Acesso diário desde dezembro de 2012.
- Porto Alegre do Passado <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=783292> [Acesso 29 de junho de 2014].
- Porto História: resgate e a preservação da memória da cidade de Porto Alegre <https://www.facebook.com/PortoHistoria.PH/info> Acesso desde março de 2013.
- Prefeitura de Porto Alegre, SECOPA http://www.secopapoa.com.br/default.php?p_secao=7 [Acesso em: 15 de dezembro de 2013 e 29 de junho de 2014. Acesso em 15 de dezembro de 2013 e 29 de junho de 2014.
- Viaduto da Avenida Borges de Medeiros, dos Aterro do Parque Marinha do Brasil e Beira Rio: <http://portoimagem.wordpress.com/> Acesso em 30 de maio de 2014.

Notas

- ¹ <http://www.ufrgs.br/extensoesdamemoria/>
- ² Descriptions de l'État de Rio Grande do Sul (Brésil) de 1891 de Max Lyon. Fragmento traduzido por Sérgio da Costa Franco, publicado no livro organizado por ele e Valter Antônio Noal Filho, *Os viajantes Olham Porto Alegre*, p.20.
- ³ <http://9bienalmercosul.art.br/pt/sobre/>

(Artículo recibido 06-05-2014; aceptado 04-06-2014)